



## A Utopia de um Mundo sem Guerras: O Pensar de José Saramago

*Maria Irene da Fonseca e Sá*<sup>[1]</sup>  
[mariairene@facc.ufrj.br](mailto:mariairene@facc.ufrj.br)

**Resumo:** Procurou-se analisar a obra de José Saramago em relação ao que o mesmo considera sobre as guerras no mundo. Os procedimentos técnicos envolveram a análise de diversas obras do escritor português. Na sua obra, reflete o seu pensar sobre a sua existência e, principalmente, sobre o mundo e a sociedade nos quais vivia. Nos seus romances é patente a sua descrença no mundo atual, em que assume um pessimismo quanto à atuação do ser humano na sociedade. Porém, ele mantinha algumas esperanças em relação ao devir de um homem novo e a revolução da bondade. O objetivo desta investigação consiste em analisar a perspectiva do autor sobre a utopia de um mundo sem guerras.

**Palavras-Chave:** José Saramago; Guerras; Utopia; Ser Humano; Mundo.

### The Utopia of a World Without Wars: The Thinking of José Saramago

**Abstract:** We sought to analyse the work of José Saramago concerning what he considers about wars in the world. The technical procedures involved the analysis of various works by the Portuguese writer. In his work, he reflects his thoughts about his existence and, mainly, about the world and society in which he lived. In his novels, it is clear his disbelief in the current world, in which he is pessimistic about the performance of human beings in society. However, he kept some hopes in relation to the becoming of a new man and the revolution of goodness. The aim of this research is to analyse the author's perspective on the utopia of a world without wars.

**Keywords:** Jose Saramago; wars; Utopia; Human being; World.

---

[1] Pós-Doutora em Ciências da Comunicação e Informação, Universidade do Porto – Portugal. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7077-4664>. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7170723845748247>.

## Introdução

O escritor José Saramago afirmava que “A literatura é o resultado de um diálogo de alguém consigo mesmo” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 200). Nesse sentido, a sua obra reflete o seu pensar sobre a sua existência e, principalmente, sobre o mundo e a sociedade nos quais vivia. A sua matéria prima era o ser humano e suas ações no mundo. Quanto à sua obra, ele referia que “Eu vivo desassossegado, escrevo para desassossegado” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 217). E, assim, ele produziu romances que desassossegaram e continuam a desassossegá-los, muitos de seus leitores. O romance *Ensaio Sobre a Cegueira* foi um deles.

A constatação da irracionalidade do mundo atual foi a fonte geradora da motivação para o desenvolvimento do romance *Ensaio Sobre a Cegueira* (Saramago, 1995), que pode ser considerado um romance cruel, com descrição de episódios que remetem às necessidades básicas do ser humano, e, provavelmente, ao que há de pior no mesmo. No romance, todos ficam cegos, com exceção de uma única personagem que procura manter-se racional. De início, vem o internamen-

to num manicômio dos que perderam a visão, mas em seguida todos ficam cegos e a cidade entra num estado de degradação total, com todo tipo de exploração: física, sexual, econômica, moral. Desta forma, Saramago apresenta a sociedade globalizada em que se vive, com todos os tipos de exploração. Foi globalizada a cegueira, no entanto, o que sobressai do cenário descrito é o individualismo, a satisfação do “eu” em detrimento do “outro”.

Da mesma forma, com o mesmo desassossego, Saramago escreveu o romance *O Homem Duplicado*, em que apresenta um mundo e uma sociedade onde as relações humanas são desprovidas de razão e de ética; o *Ensaio Sobre a Lucidez*, no qual Saramago questiona as debilidades e as fraquezas da democracia e denuncia a falta de ética nas esferas superiores do governo; *A Caverna*, que conduz seus leitores para a realidade de uma caverna moderna onde o homem vive amarrado, preso, enjaulado numa realidade em que o novo totalitarismo se baseia na economia e nas multinacionais, os novos donos do mundo.

Assim, Saramago afirmava:

A tristeza que você vê em mim é causada pelo irracionalismo, pelos fanatismos que



se disseminam pelo mundo. Mas é também compaixão. No fundo somos todos uns pobres diabos. Então, há uma compaixão que se interroga: por que não podemos ser de outra maneira? Por que não conseguimos melhorar? Por que não conseguimos ser bons? (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 42).

É o questionamento de um escritor que se inclui na sociedade atual e que se interroga sobre a sua atuação e a dos seus semelhantes num mundo irracional, que não faz sentido.

Descontente com o mundo e a humanidade, no final de sua vida, Saramago ainda encontra fôlego para o desenvolvimento de um novo romance, que fica inconcluso com a sua morte em 2010. Ele assim relata no seu diário: “Afinal, talvez ainda vá escrever outro livro. Uma velha preocupação minha (porquê que nunca houve uma greve numa fábrica de armamento) deu pé a uma ideia complementar que, precisamente, permitirá o tratamento ficcional do tema” (Saramago, 2014, p. 59). Assim, o “porquê que nunca houve uma greve numa fábrica de armamento”, foi o mote para o desenvolvimento do romance *Alabardas, alabardas, Espingardas, Espingardas*, cuja escrita foi interrompida com

a morte do escritor. Mas o que ficou escrito já faz refletir sobre a condição humana e a banalidade da violência na sociedade contemporânea. No romance, uma personagem proclama: “Todos os países, quaisquer que sejam, capitalistas, comunistas ou fascistas, fabricam, vendem e compram armas, e não é raro que as usem contra os seus próprios naturais. [...] É assim, mas não o deveria ser. [...] Não temos outro mundo” (Saramago, 2014, p. 29). Através dessa personagem, Saramago proclamava a sua descrença no mundo atual e o seu pessimismo quanto à atuação do ser humano na sociedade.

Saramago afirmava: “Como se pode ser otimista quando tudo isto é um estendal de sangue e lágrimas? Nem sequer vale a pena que nos ameacem com o inferno, porque inferno já o temos. O inferno é isto” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 148), revelando a sua dor pelo que via no mundo.

O tema do trabalho envolve o estudo da obra de José Saramago, onde se procurou identificar passagens que ilustram o seu pensar sobre as guerras no mundo. De modo a tratar o tema proposto, o trabalho, quanto aos procedimentos técnicos, envolve a análise de diversas publicações, especialmen-

te as obras do escritor português José Saramago; do ponto de vista da forma de abordagem do problema, vale-se da pesquisa qualitativa (Bibliográfica) em que são consideradas e analisadas publicações relativas ao tema. O objetivo da investigação consiste em analisar pensamento do autor José Saramago sobre a utopia de um mundo sem guerras.

## 1. Utopia e Guerra

Segundo Koogan/Houaiss a palavra utopia significa “Concepção imaginária de um governo ideal/Sistema ou projeto irrealizáveis; quimera, fantasia.” (Koogan/Houaiss, 1997, p. 1627). Saramago corrobora com esta definição e questiona:

Uma utopia é um conjunto de articulações, de necessidades, de desejos, de ilusões, de sonhos. Se uma pessoa tiver a consciência de que não pode realizar isso no tempo em que vive, que sentido tem? Como é que podemos ter a segurança de que 150 anos depois, quando nenhum dos que construiu essa utopia estará vivo, as pessoas terão algum interesse num projecto que não é o seu, que pertence a um passado? (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 387).

Portanto, ele dizia não gostar do termo utopia. E, no lugar de se ocupar com sonhos e desejos para o futuro, ele preferia olhar para a realidade e convocava cada ser humano para a ação, para a tomada de atitudes práticas que contribuíssem para a melhoria da qualidade de vida, atual e futura, no mundo, enfatizando que:

A utopia é algo que não se sabe onde está, nem quando, nem como se chegará a ela. A utopia é como a linha do horizonte: sabemos que, mesmo que a procuremos, nunca chegaremos a ela, porque vai-se sempre afastando à medida que se dá cada passo, está sempre fora, não do olhar, mas sim do nosso alcance. Se eu retirasse alguma palavra do dicionário seria utopia, porque não ajuda a pensar, porque é uma espécie de convite à preguiça. A única utopia a que podemos chegar é ao dia de amanhã. Deixemos a linha do horizonte, deixemos a utopia, não se sabe onde está, nem como, nem para quando. O dia de amanhã é o resultado do que tivermos feito hoje. É muito mais modesto, muito mais prático e, sobretudo, muito mais útil (Saramago *apud* Aguilera, 2010, pp. 373-374).

Portanto, o escritor afirma que a utopia pode acabar por despertar a preguiça, ou seja, se o que se deseja



é uma utopia, algo difícil de atingir, por que se ocupar com tal empreendimento? Desta forma, porque a tarefa, possivelmente, é inalcançável, é propiciada a inatividade, o desânimo, a inércia e a apatia.

Assim, segundo o escritor, o ser humano, ainda que tenha seus projetos e sonhos, deve-se concentrar no fazer, no agir, de modo que o mundo e a sociedade recebam os benefícios pela sua atuação. A sociedade perfeita e ideal pode nunca existir, mas torna-se imperativo trabalhar de forma a produzir melhorias constantes para os seus componentes. Nesse mesmo sentido, no seu discurso no banquete de recepção do Prêmio Nobel de Literatura, em 10 de dezembro de 1998, em Estocolmo, Saramago dirigiu uma crítica à Declaração Universal de Direitos Humanos, lançando um desafio e questionando o agir dos seres humanos e das instituições:

Cumpriram-se hoje exactamente cinquenta anos sobre a assinatura da Declaração Universal de Direitos Humanos.

[...] Nestes cinquenta anos não parece que os Governos tenham feito pelos direitos humanos tudo aquilo a que, moralmente, quando não por força da lei, estavam obrigados. As injustiças multiplicam-se no

mundo, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra. A mesma esquizofrênica humanidade que é capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas, assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte neste tempo do que ao nosso próprio semelhante.

Alguém não anda a cumprir o seu dever. Não andam a cumpri-lo os Governos, seja porque não sabem, seja porque não podem, seja porque não querem. Ou porque não lho permitem os que efectivamente governam, as empresas multinacionais e pluricontinentais cujo poder, absolutamente não democrático, reduziu a uma casca sem conteúdo o que ainda restava de ideal de democracia. Mas também não estão a cumprir o seu dever os cidadãos que somos. [...] Com a mesma veemência e a mesma força com que reivindicamos os nossos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa começar a tornar-se um pouco melhor (Saramago, 1998, pp. 21-22).

Por outras palavras, quem se importa com o cumprimento dos direitos humanos? Parece que a observância da Declaração Universal de Direitos Humanos é considerada uma utopia por Saramago e, portanto, um

convite à inação. Por outro lado, o vencedor do Prêmio Nobel de Literatura é enfático ao afirmar que não há direitos sem deveres. Para que os direitos humanos sejam respeitados é necessário que cada ser humano se inteire dos seus deveres como cidadão e como ser pertencente à humanidade.

Nesse discurso, Saramago estende a sua indignação, não apenas aos governos constituídos e às poderosas empresas, mas principalmente a todo e qualquer cidadão. E convoca cada cidadão, cada ser humano para se revoltar: “É importante dizer não a tudo o que existe que deveria ser eradicado. É preciso dizer não às coisas insuportáveis [...]” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 400). E, enfatiza: “A palavra mais necessária nos tempos em que vivemos é a palavra não. Não a muita coisa, não a uma quantidade de coisas que eu me dispense de enumerar” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 400). Certamente, uma das coisas que Saramago não enumerou, é a guerra. O fim das guerras é uma utopia? O escritor, descrente da humanidade, vem lembrar que o mundo é permeado por diferentes categorias de guerras:

Neste tempo em que vivemos existem três tipos de guerras: as propriamente ditas,

as linguísticas, as culturais. Acabar com as primeiras tem sido impossível. Quanto às segundas e terceiras, será exagero dizer que nelas é que se estão jogando realmente os futuros predomínios mundiais, ou, para dizê-lo doutra maneira, a autêntica nova ordem ideológica mundial? (Saramago, 1999a, p. 106).

Portanto, nesta passagem, Saramago amplia o conceito de guerra e conclama os seus leitores a refletirem sobre a motivação para as guerras. Desde sempre as guerras pressupõem o domínio, seja ele econômico, cultural, religioso... Deste modo, prevalecer sobre os demais e controlar os seus semelhantes é mandatório. O escritor explana sobre a importância da filosofia na vida de cada ser humano:

Acho que na sociedade actual falta-nos filosofia. Filosofia como espaço, lugar, método de reflexão, que pode não ter um objectivo determinado, como a ciência, que avança para satisfazer objectivos. Falta-nos reflexão, pensar, precisamos do trabalho de pensar, e parece-me que, sem ideias, não vamos a parte nenhuma (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 165).

O que Saramago apela para os seus leitores é que o trabalho tem que ser



feito continuamente, todo o dia e a todo o momento. O agir de cada ser humano necessita de estar impregnado de ações que contribuam para o bem-estar da sociedade. Não basta ficar a desejar um futuro sem guerras, fome, miséria... Portanto, ele alerta que a filosofia, como prática, faz falta na sociedade contemporânea. A busca pelo entendimento dos conceitos e das essências do que existe no mundo deveria ser uma constante na existência de cada ser humano. É necessário pensar. Nos romances de Saramago encontra-se a motivação para o pensar, para o refletir. Assim, “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”, que é a epígrafe do romance *Ensaio Sobre a Cegueira*. No entanto, Saramago recorda-nos que dá trabalho educar o ser humano para viver numa sociedade pacifista:

É muito mais fácil educar os povos para a guerra do que para a paz. Para educar no espírito bélico basta apelar aos instintos mais baixos. Educar para a paz implica ensinar a reconhecer o outro, a escutar os seus argumentos, a entender as suas limitações, a negociar com ele, a chegar a acordos. Essa dificuldade explica que os pacifistas nunca contem com a força suficiente para ganhar... as guerras (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 491).

Nesse sentido, essa sociedade pacifista está longe de ser concretizada e o fim das guerras é inalcançável. O autor externaliza o quanto é difícil capacitar e qualificar o ser humano para conseguir ver e procurar compreender as necessidades e particularidades do seu semelhante. Porém, Saramago sublinhava que: “Nada está definitivamente perdido, as vitórias parecem-se muito com as derrotas pois nem umas nem outras são definitivas” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 369). É o lampejo de esperança que acalenta o coração de Saramago e, portanto, há que cada um fazer o seu trabalho: buscar a paz e a harmonia, de forma contínua.

Saramago também fez considerações sobre a paz e de como ela vem sendo obtida: “A paz precisa tanto de mortos como a guerra que os fez. Os abraços de conciliação são trocados no alto de uma pirâmide de mortos, os apertos de mão sobre um rio de sangue. A guerra é o absurdo que se tornou quotidiano, a paz não resuscita ninguém” (Saramago, 2018, p. 183). É mais um alerta quanto à manipulação do ser humano pelo poder constituído que serve a vários propósitos que não contemplam a sociedade, mas a interesses particulares.

Os motivos e pretextos para a de-flagração de guerras são inúmeros: “Todas as guerras são absurdas, mas as guerras de religiões são as mais absurdas de todas, porque se fazem em nome não se sabe de quê” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 132). Assim, dizem, mata-se em nome de Deus. Mas, em Deus não está a origem da vida? Deus não é amor? As religiões não estão fundamentadas no amor próximo? Quantas são as contradições?

Küng, um teólogo que estuda as grandes religiões, enfatiza o que há de comum entre elas e explana sobre os princípios fundamentais das religiões:

[...] apesar de todas as diferenças de crença, de doutrina e de ritos, também podemos perceber semelhanças, convergências e concordâncias. Não só porque em todas as culturas os homens se confrontam com as mesmas grandes questões – as questões primordiais sobre a origem e sobre o destino: o “de onde” e o “para onde” do mundo e do homem: sobre como superar o sofrimento e a culpa; sobre os padrões do viver e do agir; sobre o sentido da vida e da morte -, mas também porque nas diferentes culturas muitas vezes os homens obtêm de suas religiões respostas semelhantes. Na verdade, todas as religiões são também mensagem

e caminho de salvação. Afinal de contas, todas elas transmitem, por meio da fé, uma visão da vida, uma atitude perante a vida e uma norma para o bem-viver” (Küng, 2004, p. 16).

Portanto, se todas as religiões são caminho para a salvação e propiciam normas para uma convivência harmoniosa e para o viver em plenitude, qual a explicação para as guerras religiosas e os arbítrios em nome da crença/religião?

Neste contexto, quanto às instituições religiosas, Saramago afirma que: “Respeito muito os crentes, mas pela instituição que os representa não tenho qualquer respeito. Respeito a crença, a fé, mas não respeito a administração da crença, da fé” (Saramago apud Aguilera 2010, p. 130), enfatizando a sua descrença nas religiões constituídas e nas suas ações.

O que se percebe é que as religiões não servem para aproximar os seres humanos, mas para os dividirem. Mata-se em nome de Deus, por se perceber Deus de formas diferentes. Mas Deus não é um só? O mesmo? É a irracionalidade do ser humano, enquanto praticante de uma crença.

Konings e Zilles falam do fenômeno religioso: “A religião reflete o ser





humano. É, ao mesmo tempo, individual e social, interior em sentimentos e pensamento e exteriorizada ao ponto de desvanecer-se quando não encontra exteriorização” (Konings & Zilles, 1997, pp. 37-38). Assim, não bastam sentimentos e palavras. A fé pressupõe também ação. Mas, ação que traga benefícios à humanidade, ao mundo. É o uso da razão em prol de uma sociedade mais justa e igualitária, cuja diversidade seja valorizada.

No entanto, Saramago, descrente do agir do ser humano, assegurou que: “Usamos a razão para destruir, matar, diminuir a nossa franja de vida. E é essa espécie de indecência do comportamento humano, orientada para a exploração do outro, da sede do lucro, da ambição do poder, que conduz à indiferença e ao alheamento. Ao desprezo do outro” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 140). Portanto, o outro não importa.

Neste enquadramento, Saramago assinalou qual é a guerra mais sangüinária da sociedade contemporânea:

A grande guerra será a que confrontará os que têm bens e os que nada têm. O que se passa é que os pobres, pobres coitados, não podem nem sabem organizar-se. Para o fazer é preciso poder e eles não o têm.

Agora mesmo, o único poder organizado é o poder financeiro e económico, a quem nada importa: religião, ideologia, cultura, línguas, tudo. O problema já não são os brancos e os negros, porque entre um negro rico e um branco rico não há qualquer diferença. Hoje um branco pobre é o negro de ontem (Saramago *apud* Aguilera, 2010, pp. 483-484).

O poder está alinhado ao poder financeiro e econômico e não é raro que faça uso e manipule as consciências dos pobres que só têm a perder com as guerras. Existem questões relativas à Ética e à Moral que têm de ser discutidas:

Há um problema ético grave que não parece estar a caminho de ser resolvido: depois da Segunda Guerra Mundial, discutia-se na Europa sobre o progresso tecnológico e progresso moral, se podiam avançar a par um do outro. Não foi assim, pelo contrário, o progresso tecnológico disparou a alturas inconcebíveis e o chamado progresso moral deixou de ser, pura e simplesmente, progresso e entrou em regressão (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 122).

A constatação da falta de moral e de ética na sociedade é uma cons-

tante na sua obra. Deste modo e nessa mesma perspectiva, Saramago alerta que o maior problema é o próprio ser humano. Na humanidade está o cerne de toda a maldade que assola o mundo:

Temos na natureza muitas coisas contra as quais lutar, mas há um inimigo pior que todos os furacões e terremotos: o próprio ser humano. A natureza com todos os seus vulcões, terremotos, furacões e inundações não causou tantos mortos como a humanidade causou a si própria. Lutas de toda a ordem: guerras religiosas, guerras de interesses materiais, guerras absurdas e estúpidas, como as dinásticas (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 154).

Mais uma vez, o escritor vem lembrar que as guerras, promovidas por diferentes razões e arbitrariedades humanas, têm no seu âmago a inconsistência, a iniquidade e a maldade do ser humano. Assim, observador do comportamento dos humanos, ele proclamou: “Nós, os seres humanos, matamos mais que a morte” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 163). E, ergue a sua voz de escritor para, através dos seus romances, deixar a descoberto as chagas da sociedade contemporânea. Ele denuncia os des-

mandos dos seres humanos, o ultrage aos direitos humanos, a falta de ética nos relacionamentos e, em suma, o facto do ser humano não se rever no seu semelhante.

Sabe-se que a ética diz respeito à reflexão sobre os atos, sobre o agir dos seres humanos respeitando a dignidade e o valor de cada ser humano. Desta forma, o que Saramago quer discutir está relacionado com a ética, ou seja, a atuação do ser humano.

## 2. O Ser Humano e a Ética

O artigo número um (I) da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (DUDH), refere que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade” (DUDH). O terceiro artigo (III) afirma que: “Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal” (DUDH). Sabe-se, conforme foi denunciado por Saramago em Estocolmo, que a DUDH não é respeitada. Parece que é uma utopia, palavra que Saramago não gostava. Saramago propagava que: “Os direitos humanos não se



cumprem em lado nenhum. Direito à vida, à existência honrosa, a comer e a trabalhar, à saúde e à educação. A grande batalha da cidadania deve ser a batalha pelos direitos humanos” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 475). Portanto, Saramago convocava os cidadãos para uma guerra, mas uma guerra pelos direitos humanos. E, uma guerra cujo resultado pode e deve trazer resultados positivos para toda a humanidade. Não basta pensar numa sociedade justa e igualitária, faz-se necessário munir-se de argumentos, sentimentos e ações que provoquem uma mudança de atitudes na sociedade contemporânea.

Ciente de tal facto, Saramago dizia que era uma necessidade dele expor os problemas que observava no mundo e que ao falar deles procurava explicações para si próprio e para o seu agir:

Embora uma fábula normalmente contenha uma lição de moral, não é a minha intenção com meus livros. Na verdade, diante de determinado tema, eu trato-o como se precisasse de chegar a uma conclusão para uso próprio. No fundo, são questões que tenho com o mundo, com a sociedade, com a nossa história. (...) É como se o mundo me incomodasse no sentido mais profundo e eu, através de um romance ou fábula,

o deixasse exposto (Saramago *apud* Aguilera, 2010, pp. 329-330).

Assim, Saramago, nos seus romances, deixa a descoberto as chagas da sociedade contemporânea. Ele evidencia os desmandos dos seres humanos, o ultraje aos direitos humanos, a falta de ética nos relacionamentos e, em suma, o facto do ser humano não se rever no seu semelhante, ou seja, a falta de respeito e de compaixão pelo “outro”. Saramago concluía: “Apercebi-me, nestes últimos anos, de que estou à procura de uma formulação da ética: quero expressar, através dos meus livros, um sentimento ético da existência, e quero expressá-lo literariamente” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 119). A discussão desse “sentimento ético da existência” está presente em alguns de seus romances. Portanto, os leitores de Saramago têm em suas mãos ferramentas para os auxiliarem nas reflexões sobre ética.

No que diz respeito à ética, Novaes afirma que

os filósofos gregos sempre subordinaram a ética às ideias de felicidade da vida presente e de soberano bem [...] Hoje a felicidade não é pensada mais nos termos da moral antiga, mas em termos de eficácia técnica,

de consumo. [...] É como se houvesse um lento enfraquecimento da noção de ética e das conquistas do espírito com o avanço da técnica. Ou melhor, a moral passa a ter uma importância quase convencional (Novaes, 2007, pp. 8-9).

Na sociedade contemporânea, em que a felicidade está constantemente sendo associada ao consumo, Dupas discorre sobre as diferenças entre moral e ética:

O que designa a ética seria uma “metamoral” e não um conjunto de regras próprias de uma cultura. Ela se esforça em descer até os fundamentos ocultos da obrigação; pretende-se enunciativa de princípios ou de fundamentos últimos. Por sua dimensão mais teórica, por sua vontade de remeter à fonte, a ética mantém uma espécie de primazia em relação à moral (Dupas, 2011, p. 76).

Neste sentido, a ética diz respeito à reflexão sobre os atos, sobre o agir do ser humano com outros seres humanos, respeitando a dignidade e o valor de cada pessoa. A ética, na visão do escritor Saramago, é a arma que cada ser humano deve usar para vencer a batalha do individualismo, da ganância e da falta de compaixão numa sociedade voltada para o consumo e a

ostentação. Saramago resume a ética da seguinte forma:

Se decidíssemos aplicar uma velha frase da sabedoria popular, provavelmente resolveríamos todas as questões deste mundo: “Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti”. Que pode ser dito de maneira mais positiva: “Faz aos outros o que quiseres que te façam a ti”. Creio que todas as éticas do mundo, todos os tratados de moral e comportamento se contêm nestas frases (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 119).

Assim, Saramago faz uso dos seus romances para alertar os seus leitores sobre questões éticas. Alguns desses romances são: *Ensaio sobre a cegueira*, *O Homem duplicado* e *Ensaio Sobre a Lucidez*.

No romance *Ensaio Sobre a Cegueira*, a cegueira alcança a todos, com exceção de uma única personagem que procura se manter racional. Nesse cenário, não é fácil manter a racionalidade, ou seja, a “[...] responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam” (Saramago, 1995, p. 241). No entanto, a mulher do médico, a única que não fica cega, procura a racionalidade. Ela sente o peso e a dor da responsabilidade de se manter forte e ética num mundo



corroído pelo pior, ou pelo horror, como ela diz. Conclui-se que os seres humanos que possuem um código de ética sofrem. Avaliar, o tempo todo, o que é certo e o que é errado na relação com os outros não é simples e dá trabalho. Uma personagem alerta que “O medo cega” e outro cego complementa: “São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos” (Saramago, 1995, p. 131). É a denúncia da sociedade hipócrita que tem medo dos poderosos e, portanto, se cala para não perder benefícios e privilégios. Assim, Saramago faz a personagem do médico proclamar: “Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem” (Saramago, 1995, p. 310). É a denúncia de uma sociedade sem ética, que não quer ver a realidade, que não tem força para realizar mudanças que favoreçam os que realmente necessitam. Saramago fala do que seria uma grande revolução:

Acho que a grande revolução, e o livro [*Ensaio sobre a Cegueira*] fala disso, seria a revolução da bondade. Se nós, de um dia para o outro, nos descobríssemos bons, os problemas do mundo estavam resolvidos. Claro

que isso nem é uma utopia, é um disparate. Mas a consciência de que isso não aconteceria, não nos deve impedir, cada um consigo mesmo, de fazer tudo o que pode para reger-se por princípios éticos. Pelo menos a sua passagem por este mundo não terá sido inútil e, mesmo que não seja extremamente útil, não terá sido perniciosa. Quando nós olhamos para o estado em que o mundo se encontra, damos-nos conta de que há milhares e milhares de seres humanos que fizeram da sua vida uma sistemática ação perniciosa contra o resto da humanidade. Nem é preciso dar-lhes nomes (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 118).

Portanto, Saramago, nesta passagem fala-nos da revolução da bondade como um “disparate” (delíreo, desvario, desatino, asneira), que, segundo ele, é pior do que uma utopia. A revolução da bondade levaria à solução dos problemas da humanidade, no entanto, na visão dele, tal facto é inconcebível. Seria necessário que a bondade fosse praticada por todos os seres humanos e isso seria mais uma utopia, palavra que ele desprezava. Porém, verifica-se que Saramago não está descrente de todos os seres humanos, e, apesar de ser uma utopia, ele apela para a ação de cada pessoa, para que cada vida seja regida pela ética.

Deste modo, ele encaminha os seus leitores para a reflexão de como viver, de forma que as suas atividades sejam pautadas em princípios éticos e não em sonhos irrealizáveis. A melhoria do mundo é apresentada não como uma ilusão, uma utopia, mas como um processo, que pode e deve ser executado por cada cidadão.

No romance *O Homem Duplicado*, Saramago faz com que a personagem Tertuliano Máximo Afonso proclame “[...] as coisas da vontade nunca são simples, o que é simples é a indecisão, a incerteza, a irresolução” (Saramago, 2002, p. 32). Agir custa e agir com ética custa mais ainda, pois pode significar uma perda pessoal de forma a se obter um ganho para a sociedade. A personagem Maria da Paz exclama: “Todos os dicionários juntos não contêm nem metade dos termos de que precisaríamos para nos entendermos uns aos outros” (Saramago, 2002, p. 125). Através destas passagens, Saramago convida os seus leitores a analisar e considerar a convivência e o estabelecimento de diálogos com os seus semelhantes, de forma a formar-se uma sociedade mais igualitária e justa.

O romance *Ensaio Sobre a Lucidez* inicia com o processo de eleição num

dia chuvoso e o resultado da eleição que aponta que “[...] mais de setenta por cento da totalidade, estavam em branco” (Saramago, 2004, p. 25). É o simbolismo da rejeição ao poder constituído. A sociedade não se absteve de votar, ela votou e disse que as propostas apresentadas não serviam, não atendiam às necessidades daquela comunidade. O romance descreve as ações do poder acima de qualquer direito humano. A personagem do comissário faz uma volta ao passado e relembra a época em que todos eram cegos e acaba por concluir: “Mas não é só quando não temos olhos que não sabemos aonde vamos” (Saramago, 2004, p. 306). Há muita gente que vê, mas não sabe aonde vai e acata todo o tipo de manipulação. Ele ainda diz à personagem da mulher do médico: “[...] os que mandam não só não se detêm diante do que nós chamamos absurdos, como se servem deles para entorpecer as consciências e aniquilar a razão [...]” (Saramago, 2004, p. 317), sinalizando que o poder não conhece a ética, procurando alertar a mulher do médico para algo trágico. Assim, percebe-se que Saramago, sempre cético quanto à humanidade, não tem esperanças quanto ao agir do ser humano. O cão já não uiva,



pois foi morto. O escritor conclui: “[...] estivemos cegos e agora digo que provavelmente cegos continuamos” (Saramago, 2004, p. 190). A personagem do comissário diz à mulher do médico o seguinte: “Espero que nos tornemos a ver alguma vez, e em dias mais felizes, se ainda os houver, Pelos vistos perderam-se pelo caminho [...]” (Saramago, 2004, p. 350). A mulher do médico é assassinada no final do romance, confirmando a descrença de Saramago quanto à humanidade.

Saramago ainda brindaria os seus leitores com um novo romance, o qual teria como cenário uma fábrica de armamentos e como questão principal o facto da não existência de greves nestas fábricas. No entanto, com o falecimento do escritor, o desenvolvimento deste romance não foi concluído. A este propósito, Soares afirma que:

Pelo menos desde a segunda metade do século XX, três tipos de negócio distinguem-se entre os que mobilizam os maiores volumes de recursos, no planeta. Um deles já dava as cartas desde fins do século XIX, o petróleo, ouro negro, alvo da voracidade de potentados e impérios, cuja distribuição espacial instigou movimentos geopolíticos que redefiniram fronteiras

e destinos de sociedades e civilizações, com o emprego ilimitado da força. [...] Outro negócio bilionário: as drogas, cuja proibição em vez de reduzir o consumo criou um poderosíssimo mercado clandestino, armou exércitos de mercenários em todo o mundo, hipertrofiou a corrupção política, promoveu genocídios, intensificou o racismo e criminalizou a pobreza [...] Finalmente, as armas, mercadorias diretamente ligadas à violência, que transformaram a guerra, os conflitos e insegurança pública em fontes estratégicas de lucro na economia transnacional (Soares, 2014, p. 81).

Pela descrição de Soares, pode-se concluir que os negócios relativos ao petróleo e às drogas servem de combustível para as guerras, demandando armas, e, portanto, alimentando os negócios relativos a armamento. Neste sentido, Saramago escolhe o tema de armas para o seu derradeiro trabalho.

### *3. Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*

O texto *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*, publicado em 2014, após a morte de José Saramago, é composto pelos três capítulos ini-

ciais que comporiam o romance e pelos apontamentos de seu diário. Apesar de serem apenas três capítulos, é possível perceber no texto as questões humanistas e humanitárias do autor. Também é perceptível a sua costumeira ironia. No *Último Caderno de Lanzarote*, publicado após a morte do escritor, Saramago lembrava que: “[...] o ato de apertar o gatilho de uma arma tornou-se tão habitual na nossa espécie que até o cinema e a televisão já nos dão lições gratuitas dessa arte a qualquer hora do dia e da noite” (Saramago, 2018, p. 80). Portanto, as armas foram o tema deste texto. O romance inicia da seguinte forma:

O homem chama-se artur paz semedo e trabalha há quase vinte anos nos serviços de faturação de armamento ligeiro e munições de uma histórica fábrica de armamento conhecida pela razão social de produções belona s.a., nome que, convém aclarar, pois já são pouquíssimas as pessoas que se interessam por estes saberes inúteis, era o da deusa romana da guerra (Saramago, 2014, p. 9).

A personagem protagonista, Artur Paz Semedo, é apresentado como um grande admirador de armas e aficio-

nado por filmes de guerra, ou, nas palavras de Saramago: “Amante apaixonado das armas de fogo” (Saramago, 2014, p. 11), apesar de nunca ter feito uso das mesmas. No entanto, tem em seu nome a palavra “paz”. Ele está separado de sua mulher, Felícia, uma “militante pacifista convicta” (Saramago, 2014, p. 10), que já havia trocado seu nome de Berta para Felícia, “[...] para não ter de carregar toda a vida com a alusão direta ao canhão ferroviário alemão que ficou célebre na primeira guerra mundial por bombardear Paris de uma distância de cento e vinte quilómetros” (Saramago, 2014, p. 10). A separação ocorreu por decisão de Felícia que não desejava estar ligada a um funcionário de uma empresa produtora de armas.

Assim, é clara a ironia de Saramago ao chamar de Paz à personagem amante de armamentos e guerras. Também denomina Felícia (Felicidade) à personagem que terá como missão evoluir o protagonista artuz paz para um ser humano consciente dos problemas que afligem a humanidade. E, belona, nome da deusa romana da guerra, é o nome da empresa que produz armamentos. As armas são para as guerras. Deste modo, estavam estabelecidos os caracteres das persona-





gens principais, assim como a tônica do desdobramento do romance. Um cenário já bastante conhecido para os leitores de Saramago.

Portanto, neste romance, o autor encaminha os seus leitores para refletir sobre a violência e a guerra, sobre o bem e o mal. É neste sentido que Pereira afirma que:

Uma análise mais detalhada da evolução das personagens serve-nos para entender como neste mundo tudo se sustenta enquanto moeda de troca de um puro negócio, em que o bem individual e egoísta se sobrepõe sempre ao bem coletivo, pelo que estas personagens surgem, uma vez mais, ao serviço de uma denúncia humanista [...] (Pereira, 2022, p. 328).

As questões éticas e morais, já elencadas em outros romances do escritor, voltam à discussão. Saramago dizia que: “O meu olhar é pessimista, mas é este que quer mudar o mundo” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 147). Portanto, o olhar pessimista de Saramago procura apresentar a realidade do mundo, de forma a sensibilizar seus leitores para a efetivação de uma nova forma de vida. Assim, ele provoca os seus leitores e interpela-os sobre as suas atitudes quanto à dignidade humana:

O que faz falta é uma *insurreição ética*. Não uma insurreição das armas, mas sim ética, que ponha bem claro que isto não pode continuar. Não se pode viver como estamos a viver, condenando três quartas partes da humanidade à miséria, à fome, à doença, com um desprezo total pela dignidade humana. Tudo para quê? Para servir a ambição de uns quantos (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 120).

A banalidade do mal é trazida para o contexto do romance. Nesse sentido, a questão entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, é discutida num diálogo entre Artur Paz e o senhor administrador da fábrica:

E isso seria bom, ou seria mau, Depende do ponto de vista, E o seu, qual é, Sendo empregado da empresa, desejo que ela prospere, se desenvolva, E como cidadão, como simples pessoa, Embora tenha de reconhecer que gosto de armas, devo preferir, como toda a gente, que não haja guerras, Toda a gente é muito dizer, pelo menos os generais não estariam de acordo consigo. O administrador fez uma pausa e rematou, E tão-pouco os administradores das fábricas de armamento (Saramago, 2014, p. 30).

Portanto, fica explicitado no texto a crítica do autor de que as guerras servem aos negócios e ao poder,

enquanto as necessidades dos cidadãos são esquecidas, ou estão num segundo plano. Segundo Pereira, o romance “[...] quer sobretudo denunciar que a humanidade corre o sério perigo de orientar a sua sensibilidade em função de um esquema redutor em que os interesses de faturação da indústria bélica se terão de sobrepor a todas as consequências que a sua produção possa causar” (2022, p. 330). Assim, Saramago explora a desumanização do ser humano quando faz Artur Paz proclamar: “[...] o homem é um animal guerreiro por natureza, está-lhe na massa do sangue” (Saramago, 2014, p. 30).

Como o romance não foi totalmente escrito, fica na imaginação de cada leitor o que poderia ser o desenrolar e desfecho desse romance. No entanto, em suas anotações, Saramago escreveu em setembro de 2009:

A dificuldade maior está em construir uma história “humana” que encaixe. Uma ideia será fazer voltar Felícia a casa quando se apercebe de que o marido começa a deixar-se levar pela curiosidade e certa inquietação de espírito. Tornará a sair quando a administração “compre” o marido pondo-o à frente da contabilidade de uma secção que trata as armas pesadas (Saramago, 2014, p. 60).

Assim, Saramago reproduz o pensamento que está em grande parte de seus romances: a descrença no agir do ser humano. A sua esperança no ser humano está reduzida a casos isolados. Neste romance, recai na personagem Felícia que, com grandeza e sabedoria, é mais uma representante das grandes personagens femininas de Saramago.

## Considerações Finais

Grande parte da obra de Saramago, provavelmente a parte mais significativa, foi produzida quando ele já era um homem idoso. Ele dizia que: “Quanto mais velho me vejo, mais livre me sinto e mais radicalmente me expresso” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 51). Portanto, a sua obra está carregada de sentido ético, que faz pensar e refletir sobre o estar no mundo.

Quanto à utopia de um mundo sem guerras, Saramago alegava que: “Culturalmente, é mais fácil mobilizar os homens para a guerra que para a paz. [...] foi sempre em nome da paz que todas as guerras foram declaradas. É sempre para que amanhã vivam pacificamente os filhos que hoje são



sacrificados os pais...” (Saramago, 2009b, p. 80).

Portanto, permanentemente, as guerras estão sendo preparadas e as empresas fornecedoras de armamentos estão produzindo os artefatos que as alimentarão. A paz é apenas um argumento para a guerra. Assim, ele reafirma a sua crença de que o fim das guerras é algo inatingível. No entanto, ainda lhe resta uma expectativa quanto ao atuar do ser humano. Ele fala da revolução da paz e da concepção de um homem novo:

[...] a única revolução realmente digna de tal nome seria a revolução da paz, aquela que transformaria o homem treinado para a guerra em homem educado para a paz porque pela paz haveria sido educado. Essa, sim, seria a grande revolução mental, e portanto cultural, da Humanidade. Esse seria, finalmente, o tão falado homem novo. (Saramago, 2009b, p. 81).

Assim, a sua esperança está num novo ser humano. Mas, esta esperança não é uma utopia? Uma esperança é um sonho, uma ilusão, e, portanto, algo que poderá não acontecer. Como fazer para que os seres humanos sejam educados para a paz e a bondade? Numa sociedade plural, com diferen-

tes culturas e governos, e, consequentemente, interesses próprios, torna-se difícil uniformizar e padronizar a educação e a formação do ser humano.

Ele ainda afirmava que “A humanidade nunca foi educada para a paz, mas sim para a guerra e para o conflito. O ‘outro’ é sempre potencialmente o inimigo. Andamos há milhares e milhares de anos nisto” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 164). Nesta fala, Saramago critica a humanidade, em todos os tempos. O “outro” é sempre o problema. É necessário estar sempre preparado para o confronto que pode eclodir a qualquer momento. Neste sentido, como mudar a forma de cada ser humano ver o seu semelhante? Tal questão provoca a discussão sobre investimentos e esforços educacionais na formação desse homem novo. Porém, como já dito, isto também configura uma utopia.

A indignação pode ser um primeiro passo. Mas, para tal, faz-se necessário que a pessoa possua princípios éticos que pressupõem investimentos, familiares e governamentais, na formação do homem novo.

Saramago alertava que nesta sociedade da informação prevalece o excesso de informação que nos satura: “Temos muita informação, assaltam-nos

os mortos despedaçados à hora do jantar, mas a informação esgota-se em si mesma; parece que nos damos por satisfeitos pelo facto de saber” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 452). A humanidade parece anestesiada e não se choca com o espetáculo a que assiste. Saramago, através de seus romances, apela aos seus leitores a tomar consciência das guerras que todo o dia estão ocorrendo, privando muitos seres humanos de ter uma vida digna. Assim, ele proferia: “Temos de começar a uivar, comecemos a uivar” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 373). É o convite à indignação. Quem está preparado para tal? Ou, quem está disposto a correr o risco dessa ação?

Como deixa transparecer na sua obra, a questão do poder constituído na sociedade preocupava Saramago: “[...] a questão central de qualquer tipo de organização humana, [...] é a questão do poder, e o problema teórico e prático com que nos enfrentamos é identificar quem o detém, averiguar como chegou a ele, verificar o uso que dele faz, os meios de que se serve e os fins a que aponta (Saramago, 2009a, p. 38).

A discussão do poder está presente em muitos de seus romances. O que se percebe, através do que está nos

seus escritos, é que a humanidade não se preocupa com a humanidade, mas com certas classes da humanidade, que dificilmente são as menos favorecidas e mais necessitadas de atenção: “Muito universo, muito espaço sideral, mas o mundo é mesmo uma aldeia” (Saramago, 1999b, p. 83). Os problemas do mundo são sempre os mesmos e as decisões e os interesses dos que detêm o poder também parecem não mudar.

Pode-se concluir que, apesar de Saramago não gostar da palavra “utopia”, apesar do autor imprimir, nos seus romances e nas suas passagens a triste realidade do mundo, e apesar dele se autoproclamar pessimista, ele não deixa de ter esperança. E, o que é a esperança senão sonho, ilusão e utopia?

E quais são as esperanças de Saramago? Esperança no agir de um homem novo, esperança na insurreição ética dos seres humanos, esperança na revolução da paz e na revolução da bondade. Talvez sejam só utopias. Porém, é necessário iniciar este movimento: observar, reparar, uivando, se indignando... Essa é a mensagem de Saramago nos seus romances.



## Referências Bibliográficas

- AGUILERA**, Fernando Gómez (2010). *José Saramago Nas Suas Palavras*. Alfragide: Caminho.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS**. Declaração Universal dos Direitos Humanos. ONU:DUDH. Acedido em 20-06-2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/por.pdf>.
- DUPAS**, Gilberto (2011). *Ética e Poder na Sociedade da Informação: De Como a Autonomia das Novas Tecnologias Obriga a Rever o Mito do Progresso*. São Paulo: Editora Unesp.
- KONINGS**, Johan; **ZILLES**, Urbano (1997). *Religião e Cristianismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- KOOGAN/HOUAISS** (1997). *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado*. Rio de Janeiro: Edições Delta.
- KÜNG**, Hans (2004). *Religiões do mundo: Em Busca dos Pontos Comuns*. Tradução Carlos Almeida Pereira. Campinas: Versus Editora.
- NOVAIS**, Adauto (2007). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras.
- PEREIRA**, Maria de Lourdes (2022). “Subsídios para uma Leitura de Alabardas”. In NOGUEIRA, Carlos. *José Saramago: a Escrita Infinita*. Lisboa: Tinta-da-China.
- SARAMAGO**, José (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SARAMAGO**, José (1998). *Discursos de Estocolmo*. Lisboa: Fundação José Saramago.
- \_\_\_\_\_ (1999a). *Cadernos de Lanzarote: Diário II*. Lisboa: Editorial Caminho.
- \_\_\_\_\_ (1999b). *Cadernos de Lanzarote: Diário III*. Lisboa: Editorial Caminho.

- \_\_\_\_\_ (2002). *O homem duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_ (2004). *Ensaio sobre a Lucidez*. Lisboa: Editorial Caminho.
- \_\_\_\_\_ (2009a). *O Caderno*. Alfragide: Editorial Caminho.
- \_\_\_\_\_ (2009b). *O Caderno 2*. Alfragide: Editorial Caminho.
- \_\_\_\_\_ (2014). *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_ (2018). *Último Caderno de Lanzarote – O Diário do Ano do Nobel*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SOARES**, Luíz Eduardo (2014). “A Violência Segundo Saramago”. In **SARAMAGO**, José. *Alabardas, alabardas, espingardas, espingardas*. São Paulo: Companhia das Letras.